

# Germinal



N.º 12—ANO I

28 de Março de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

omp. e imp. nas OFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

## Internacional operaria

Tem-se falado e escrito muito, depois que a guerra estalou, em solidariedade operaria internacional, quer para lamentar que ela se não tivesse encontrado suficientemente forte para evitar a catástrofe, quer para se dizer que é preciso que a lição aproveitada para o futuro. Como julgamos que um dos defeitos da propaganda e organização revolucionaria foi a abundancia de palavras expondo teorias e analtecendo sentimentos nobres, sem espirito pratico que as convertesse em factores de progresso realiado ou realisavel, e como vemos que ha tendencia para se continuar na mesma, (se nos enganamos, tanto melhor!) entendemos que é preciso começar-se, desde já, a reagir contra o erro cometido.

Comece-se a fazer ou a tentar fazer o que tanto se tem pregado sobre solidariedade internacional entre os trabalhadores. Mas não se pretenda fazer tudo duma vez e radicalmente, porque isso será condenar a obra, desde começo, a um fiasco certo. Para que os operarios de todo o mundo se unam, é preciso que a união se faça entre os operarios de diversas regiões para interesses mais particulares, sem excluir os interesses geraes e o ideal revolucionario, nem deixar de trabalhar para uma solidariedade mais vasta.

No nosso ultimo numero falámos da necessidade de uma aproximação entre trabalhadores portugueses e espanhóis. Soubemos com satisfação que essa ideia preocupava tambem outros camaradas, que por isso estão de acordo com o que dissemos. Um entendimento começou a estabelecer-se entre alguns camaradas operarios, para se estudar e pôr em

pratica a melhor forma de realizar aquela aproximação e executar trabalhos com os operarios espanhóis, de que resulte uma afirmação *pratica* na defeza de interesses e direitos comuns.

Se o congresso do Ferrol se realizar como desejam os camaradas espanhóis que dele tomaram a iniciativa, parece-nos ser essa uma ocasião que se não deve perder para se tentar alguma coisa do que vimos dizendo. Desde que o congresso pretende ser uma origem de trabalhos praticos em favor da sessação da guerra, por meio, certamente, dum entendimento entre revolucionarios de diferentes paizes, era uma excelente ocasião para se lançarem as bases de um entendimento entre os trabalhadores da Peninsula, empresa bem menos difficil que a da guerra. Aos jornaes da vanguarda da Peninsula cabe um impotente papel nesta obra. O *Germinal*, interessando-se vivamente por ela, contribuirá, na medida das suas forças, para que alguma coisa de pratico e util se faça.

### A jogatina

Começam a aparecer alguns protestos contra as maquinas automaticas, a que já nos temos referido, que por essa Lisboa sugam os poucos vintens que os trabalhadores ganham. Diz-se que as autoridades vão tomar providencias para que acabe a exploração; mas se essas providencias forem identicas ás que as autoridades em toda a parte costumam tomar em beneficio do proletario, muito teem as maquinas sugadoras que trabalhar. E' ao operariado consciente que compete olhar pelo mal e tratar de acabar com ele. Dizemo-lo enquanto é tempo, porque o vicio ainda não deve estar enraizado, por ser recente: as roletas automaticas constituem um dos maiores perigos para a emancipação dos trabalhadores.

## Carta sobre as questões actuais

I

Decerto é doloroso debatermo-nos nas contradicções de que me falais. «Um pensamento sobretudo me atormenta» escreveis. É possivel que a guerra, quando é tão grande como a actual, possa ser uma guerra *libertadora*? E se sabemos de antemão que a guerra contra a Alemanha seria uma guerra *libertadora*, para quê o antimilitarismo, e tudo o que se disse sobre a grève geral, etc. E' uma longa serie de questões que nos atormenta»...

Compreendo quanto podem atormentar essas questões. Mas não são elas resultado do erro fundamental da obra dos antimilitaristas?

Pensavam eles que pela sua propaganda poderiam *impedir* a guerra, apesar de continuarem existindo as condições que determinam todas as guerras.

Muito justamente diziam que todas as guerras actuais são causadas pela estrutura capitalista da sociedade, com as suas consequencias politicas; diziam ainda que esta estrutura não pode ser modificada num só dia e que será preciso tempo para a combater e que se necessitava passar por uma subversão profunda.

E por outro lado *julgavam* que bastaria declarar a greve geral das nações europeias — nada mais que isto! — para tornar a guerra impossivel.

De repente, desapareceria toda a força imensa do capital e dos orgãos que lhe estão subordinados, a qual paralisada, deixaria de existir não só num certo pais (digamos a França) mas tambem noutro (a Alemanha), que considera a conquista de uma parte da França e das suas colonias como um facto «indispensavel» para que o seu capitalismo possa atingir todo o seu desenvolvimento.

Chegava-se assim a uma evidente contradicção. E eu inter-

rogo-me agora: conceberiam a maior parte dos anti-militaristas a relação intima que existe entre o engrandecimento da classe capitalista e a guerra?

Falando da guerra não atribuiriam ainda demasiada importancia á má vontade dos individuos?

Foi por isso que, de ha dez ou doze anos a esta parte, quando se tornou evidente que era *inevitavel* o ataque da França pelo imperio germanico, eu me tenho esforçado por convencer os meus camaradas francezes a distinguirem entre a propaganda contra a guerra em geral, e a attitude que seriam forçados a tomar em caso de guerra.

Se eu fizer parte de uma sociedade de duas dezenas de pessoas e que um de nós, mais forte que os outros, tender a oprimir um mais fraco, eu devo, compreende-se, tentar o mais possivel inspirar a todos nós, inclusivamente ao forte, o pesar pelo abuso da força. Mas se as minhas palavras nada conseguem, se vejo que o forte está em risco de desancar o fraco — tenho o direito de ficar de braços cruzados, como simples espectador? Precisamente porque sou inimigo de toda a opressão do fraco pelo forte, trato de ajudar o fraco a repelir o ataque do forte, ainda mesmo sabendo por experiencia, que um dos golpes do forte ha-de cair sobre mim.

Compreendo que se possa não responder a uma ofensa *personal*. Mas ficar de braços cruzados quando o forte despedaça o fraco seria uma suprema cobardia. *E' isso que ajuda a manter todas as opressões.*

A propaganda anti-militarista, aproximando nos do dia em que os homens compreenderão que a verdadeira causa das guerras é o desejo dos capitalistas de uma nação de se aproveitarem do trabalho e das riquezas doutra nação, ajuda tambem a convencer as massas de que mesmo uma guerra «feliz» importa, no fim de contas, mais mal que bem aos vencedores.

Mas dadas as circunstancias